

# Teatro com Surdos: Facilitador da Leitura e da Escrita

Ivani Rodrigues SILVA, Eunice R.S. CAMILO, Fátima Ap.G. MENDES,  
Juliane A. M.CORRADI – CEPRE/FCM - UNICAMP

[ivars@fcm.unicamp.br](mailto:ivars@fcm.unicamp.br), [nycecamillo@yahoo.com.br](mailto:nycecamillo@yahoo.com.br), [fatimagmendes@ig.com.br](mailto:fatimagmendes@ig.com.br),  
[julymesal1@yahoo.com.br](mailto:julymesal1@yahoo.com.br)

**Abstract.** *The difficulties of the deaf students related to reading and writing are known in the school. Because of that the schooling and deafness program of the CEPRE/FCM/UNICAMP has started a work in order to take a group of deaf students to understand the functions of writing/reading out of the standard ways that school work with this subject. Through that methodology deaf students felt more stimulated and involved with the activities of reading and writing texts and also valued the sign language as an instruction language.*

**Keywords.** *Literacy, reading, writing and deafness.*

**Resumo.** *As dificuldades dos alunos surdos em relação à leitura e à escrita são conhecidas no meio escolar. Pensando nisso, o Programa Escolaridade e Surdez do CEPRE/FCM/UNICAMP iniciou um trabalho diferenciado para levar o grupo de alunos surdos a compreenderem as funções da leitura/escrita, fugindo dos moldes tradicionais com que a escola trata esse tema. Por meio desta metodologia diferenciada, os sujeitos sentiram-se mais estimulados e envolvidos com a atividade de leitura e produção de textos, além de valorizar a língua de sinais como uma língua de instrução.*

**Palavras-chave.** *Alfabetização, leitura, escrita e surdez.*

Sabemos que no Brasil o fracasso da escola refletido principalmente pelos altos índices de evasão e repetência tem sido objeto de diversos estudos e que as evasões e a repetência ocorrem, sobretudo início do período fundamental, momento em que a criança brasileira passa pelo ‘processo de alfabetização’ o que parece apontar que há uma relação entre o fracasso escolar e a alfabetização ou entre a “escola e a alfabetização”.

Há, no entanto, um agravamento dessa situação quando destacamos um grupo de alunos em particular: os surdos. Este grupo de alunos, em sua maioria, não consegue ultrapassar a 4<sup>a</sup>. Série do ensino fundamental por desistirem diante das dificuldades em relação à língua de instrução e em relação ao próprio conteúdo escolar que se mostram a ele intransponíveis. Mesmo aqueles que insistem em continuar dentro da escola e desenvolvem certas estratégias – se essencialmente tornam copistas – de modo a permanecerem um pouco mais na escola conseguem fechar este ciclo apenas por volta de 15 ou 16 anos de idade, nos casos mais promissores, pelo fato de o ano letivo se

transformar em dois ou mais, para esse grupo. Esta prática é justificada tanto por pais como pelos seus professores pela dificuldade do aluno surdo de “assimilar todo o conteúdo em apenas um ano letivo”. Mesmo assim, muitos terminam a 8ª. série do Ensino Fundamental sem conseguirem ler e escrever funcionalmente (Silva, 1998).

Tendo em vista essa realidade, não se pode negar que o trabalho com a leitura e a escrita ainda é uma das grandes preocupações daqueles profissionais (professores, fonoaudiólogos, psicólogos, etc) envolvidos no trabalho com crianças e adolescentes surdos. Há uma grande expectativa, por parte da família e dos profissionais envolvidos na área, em relação à alfabetização da criança surda, criando por um lado uma maior procura por informações por parte da família ou da escola, mas por outro, gerando muitos problemas para essa criança surda que se vê em meio à pressão dos pais e daqueles que trabalham diretamente com ela, nas escolas e nas clínicas, para que devolvam um ‘modelo aceitável’ de escrita, num período relativamente curto, sem ter, na maioria dos casos, meios para entender o funcionamento da escrita como produto cultural e sem ter desenvolvido, muitas vezes, qualquer domínio sobre a língua de instrução – no caso do Brasil, o português, na sua forma oral ou escrita.

Desta forma, considerações sobre as questões sociais que se engendram nos atos de ler e escrever para o indivíduo em sociedades complexas como a nossa devem ser trazidas à discussão para podermos compreender melhor a situação escolar do sujeito surdo. Além disso, é necessário enfatizar que as práticas discursivas de leitura e de escrita como fenômenos sociais ultrapassam os limites da escola, por isso a necessidade de se averiguar, inclusive, como as famílias de surdos lidam com a leitura e a escrita em casa, de maneira mais informal.

Tfouni (1988) ao tratar desse tema faz distinção entre letramento como campo de investigação e o letramento ‘escolar’. Esse último, segundo a autora, trataria da ‘aquisição da escrita por um indivíduo’, ou seja, “refere-se à aquisição da escrita enquanto aprendizagem de habilidades para leitura, escrita e as chamadas práticas de linguagem”, enquanto o outro tem em seu escopo a preocupação com os aspectos sócio-históricos da aquisição de um sistema escrito por uma sociedade.

Pelo exposto, pretende-se neste artigo mostrar uma experiência de leitura que vem dando certo dentro do Programa Escolaridade e Surdez do CEPRE/UNICAMP, cujo foco é o de prover um ambiente significativo para a aprendizagem da leitura e da escrita e que está filiada àquela visão mais ampla do letramento.

Nesse sentido, o programa tem como objetivo favorecer o desenvolvimento da linguagem, em termos de compreensão e de expressão e para isso baseando-se em Geraldi (1984)<sup>1</sup> o trabalho com esse grupo de alunos tem dado ênfase nas atividades de compreensão de textos e de produção da linguagem escrita, em três momentos complementares:

**PRÁTICA DE LEITURA DE TEXTOS** – cujo objetivo é levar o aluno surdo a ampliar sua capacidade de leitura assim como resgatar dentro do grupo a relatividade das leituras (intertextualidade) e a partir disso possibilitar a esses alunos condições de aprofundar os tópicos polêmicos e atuais (por exemplo, o ataque terrorista ao EUA) de modo a que o aluno surdo relacione a leitura com a realidade a sua volta e que a veja como um canal de comunicação com o mundo.

PRÁTICA DE PRODUÇÃO DE TEXTOS – cujo objetivo é possibilitar ao aluno surdo oportunidades significativas de produzir textos e lidar com as condições de produção da escrita (quando se escreve, para quem se escreve, o que se escreve, por que se escreve). Tais atividades pretendem valorizar o aluno como produtor de textos (autor) e, como conseqüência, fazê-lo entender as funções sociais da escrita em sociedade a partir de diferentes tipos de textos (como injuntivos, informativos, poemas, parlendas, contos, letras de música, contos, etc).

PRÁTICA DE ANÁLISE LINGUÍSTICA - a partir das práticas de leitura e produção de textos esse é o momento de instrumentalizar o aluno surdo para a produção e conseqüente auto-correção de seus textos, levando-o a familiarizar-se com as regras de convenções da escrita.

De acordo com nossa proposta pedagógica, com esse grupo de adolescentes (alunos surdos que freqüentam escolas regulares, cujas idades variam de 12 a 17 anos e cuja escolaridade varia de 5<sup>a</sup>. série à 8<sup>a</sup>. série) recorreu-se ao trabalho com textos diversos: poesia, narrativas, textos de jornais (argumentativos e informativos), histórias em quadrinhos e outros que sejam interessantes a essa faixa etária e trouxesse pontos para discussão. Foram realizadas atividades de leitura, interpretação e compreensão do texto, dramatização, ilustração, produção de frases e o trabalho principal com essa faixa etária e nível de escolaridade foi a construção de textos que o grupo escolhia a cada semana: por exemplo textos informativos (jornal falado e escrito), encenação de peça cujo roteiro era feito pelo grupo que podia ser de uma história conhecida (do tipo João e Maria) como podia ser de história por ele inventadas. Nesses momentos além de propiciar o hábito e o gosto pela leitura e um ambiente significativo para a escrita o trabalho com a linguagem propunha a discussão dos conflitos que o texto trazia e as negociações que podiam ser feitas a partir da visão de mundo dos integrantes do grupo e de seus professores.

Para exemplificar esse trabalho, contaremos como foi todo o preparativo para a Peça João e Maria que foi escolhida para ser encenada pelo grupo no último dia das mães. O primeiro passo foi escolher do texto para a elaboração do teatro, depois veio a escrita do roteiro da referida peça, com as falas dos personagens, a discussão de como poderia ser o cenário e a leitura e discussão de pontos conflitantes do roteiro frente à história original, tudo isso feito em conjunto com o grupo de surdos. Foi interessante notar pontos de conflitos entre os alunos e entre os alunos e as professoras, resolvidos por meio da reflexão sobre esses pontos e da negociação dentre o grupo. O desfecho da história, por exemplo, gerou polêmica e novamente o grupo teve que se voltar para o texto original para sair do impasse. Além disso, foi preciso planejar os convites, o cenário e o figurino que se usaria no dia da apresentação, sem falar nos preparativos dos cartões de agradecimento para aqueles que colaboraram com aquele momento de criação (veja anexo 1 e 2).

Foi utilizado, também, como recurso para alcançar os objetivos propostos o computador e os jogos eletrônicos. Na realização de tais atividades pudemos perceber outros aspectos importantes que foram trabalhados como: liderança, estabelecimento de regras, raciocínio e pensamento lógico-matemático, uso de estratégias, sociabilidade,

flexibilidade e a necessidade real da utilização da língua (português e a LIBRAS) para compreensão e funcionalidade do grupo.

Assim, buscando de forma diferenciada fazer o aluno surdo compreender as funções da leitura e da escrita utilizamos o teatro como uma ferramenta pedagógica – pretexto para a leitura e a escrita – com o objetivo de desenvolver com o grupo de alunos uma atividade conjunta de leitura, escrita e interpretação antes da atuação (cujo espaço era sempre de discussão e leitura conjunta das possibilidades do texto escolhido).

Para finalizar, queremos destacar a importância da LIBRAS (Língua de Sinais Brasileira) na comunicação entre professores ouvintes e alunos surdos, na interação desses sujeitos com o texto escrito e na elaboração da peça teatral, propriamente dita. Com esse trabalho pudemos observar uma mudança de atitude do aluno surdo em relação ao objeto texto, que deixa de ser algo opaco e difícil de digerir para ser um objeto que ele pode moldar e isso possibilitando mudanças, também, na visão deles próprios como sujeitos que não sabem ler ou não conseguem ler para construir para si mesmos uma visão mais positiva de alunos que podem ler e construir textos.

## Notas

<sup>1</sup> Geraldi, J.W. – O Texto em Sala de Aula. Ed. Assoeste. 1984.

## Referências

- ALVES, A. C. C. e KARNOPP, L. B. O surdo como contador de histórias. In: LODI, A. C. B., HARRISON, K. M. P., CAMPOS, S. R. L., TESKE, O. (org.). *Letramento e Minorias*. Porto Alegre: Editora Mediação, 2002.
- GERALDI, J. W. Unidades básicas do ensino de Português. In: GERALDI, J. W. (org.) *O texto na sala de aula*. Cascavel: Assoeste, 1984.
- SILVA, I.R. *O uso das categorias funcionais na construção do discurso narrativo do surdo*. Dissertação, IEL (Unicamp), 1998.
- SOARES, M. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.
- TFOUNI, L.V. *Adultos não Alfabetizados – o avesso do avesso*. Campinas: Pontes, 1988.

## **Anexo 1**

**“Ao Cepre  
Agradecemos o apoio recebido, muito  
pessoas tudo bem.  
Nós ao Cepre tudo bem.”**

## **Anexo 2**

**“Ao Cepre  
Agradecemos o apoio recebido, muita  
obrigado. porque você leva a festa dos  
minhas mães, crianças, fono e vocês. muitas  
obrigado vocês.  
Nós teremos muitos gosto de teatros, eu  
adora vocês.”**